

MEMÓRIAS DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO ENSINO DE MATEMÁTICA EM AMARGOSA-BA

Silmary Silva dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Silmaryumni@yahoo.com.br

Diogo Franco Rios
Universidade Federal de Pelotas
riosdf@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo representa um recorte da monografia: *Ensino de Matemática em Amargosa: Lembranças das ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete (1946-1973)*. Nesta pesquisa tivemos como objetivo estabelecer uma narrativa sobre as práticas educativas, que se refere ao Ensino da Matemática em Amargosa, desenvolvidas no período de 1946 a 1973 no Ginásio Santa Bernadete. Para isso, buscamos a identificação dos sujeitos envolvidos nesse processo e de suas memórias sobre as práticas de ensino de matemática. Situando-se dentro de um período recente da história, a abordagem metodológica desta pesquisa foi a história oral, que se traduz em uma importante metodologia, já que abriga vozes dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias, além de valorizar a experiência humana individual ou coletiva.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Ginásio Santa Bernadete; Memórias; Amargosa-BA.

1. Introdução

Inserida no campo temático da História da Educação Matemática no Brasil, esta pesquisa nasceu do desejo de estabelecermos um estudo sobre as práticas educativas, que se refere ao Ensino da Matemática na cidade de Amargosa. Buscamos a identificação dos sujeitos envolvidos nesse processo e de suas memórias, propondo-nos a colaborar para o debate da memória das práticas educativas de ensino da Matemática e a constituirmos como parte do cenário da história desta disciplina nesse município, de modo a contribuir com a referida historiografia da matemática da Bahia e do Brasil.

Nesse sentido, demos atenção especial para o Ginásio Santa Bernadete¹, uma vez que o mesmo exerceu um importante papel na formação inicial de professoras que atuaram no sistema educacional de Amargosa. Somando-se ao fato de que foram localizadas poucas referências que reconstituem a trajetória no campo escolar sistematizado desta instituição,

¹ Em alguns momentos iremos utilizar o termo Escola Santa Bernadete e em outros momentos o termo Ginásio Santa Bernadete, trata-se da mesma instituição, contudo, inicialmente em 1946, quando foi criada a mesma recebeu o nome de Escola Santa Bernadete e em 1949 quando foi implantado o curso Ginásial ela passa a ser chamada de Ginásio Santa Bernadete.

destacando-se apenas um trabalho monográfico de especialização em história regional, que não focalizava a análise no âmbito da História do Ensino de Matemática. Esta pesquisa se propôs então a colaborar para o preenchimento da lacuna na análise histórica do ensino de matemática em Amargosa.

O período de interesse desta investigação é de 1946 a 1973, época que marca o início das atividades da Escola Santa Bernadete e também o período em que esta escola é administrada por um grupo de religiosas ligado às Irmãs Sacramentinas². Além disso, nesta ocasião, as atividades dessa instituição eram destinadas exclusivamente as mulheres. Estabeleceremos uma conexão entre a história da educação matemática desenvolvida na capital e no interior da Bahia, visto que neste Estado houve um forte envolvimento das mulheres nas questões relacionadas à matemática³.

Vale destacar, que não nos propusemos a citar todas as mulheres que estudaram no Santa Bernadete, escolhemos aquelas que, após terminarem o Curso Pedagógico⁴, retornaram a instituição como professoras, em especial as que atuaram como professoras de matemática. De acordo com Silva e Camargo (2008), cabe a nós, historiadores da Educação Matemática, produzir os fatos históricos sobre o ensino de matemática a partir de questionamentos que devem ser feitos nas marcas deixadas pelo passado. Portanto, nesta investigação, localizamos documentos, visitamos memórias e, principalmente, compusemos parte do cenário educacional do município de Amargosa.

Tendo como tema central o ensino de matemática, neste estudo identificamos fontes que nos levaram a responder os questionamentos: Quem eram as mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete? Qual importância dessas mulheres para a Educação de Amargosa? Como essas mulheres aprenderam matemática, e como esse ensino de matemática refletiu em suas práticas docentes?

2. Algumas considerações sobre a história da matemática na Bahia

A história da matemática na Bahia é marcada pelo expressivo envolvimento das mulheres nas questões referentes à melhoria do ensino da matemática no Estado. Majoritariamente, o corpo discente do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia (FF), em suas primeiras décadas era composto por mulheres. A exemplo de Martha Maria

² Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, que em março de 1946, assumiu a direção do Ginásio Santa Bernadete no período de 1946 a 1973.

³ De acordo com Dias(2000), entre os anos de 1943 e 1968, 64% dos professores assistentes do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia eram mulheres.

⁴ O Curso Pedagógico correspondia ao curso de magistério, o qual habilitava as mulheres para atuar como professoras nas séries primárias.

de Souza Dantas, que cursou Licenciatura e Bacharelado em Matemática na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (FFUBa), e após sua formatura dedicou sua vida as questões do Ensino de Matemática.

Martha Dantas formou-se na FF em 1948, nesse mesmo ano foi convidada por Isaías Alves⁵ para assumir a direção do Colégio de Aplicação dessa mesma faculdade. Posteriormente, foi convidada para lecionar Didática Especial da Matemática na FF, porém, não se sentia preparada, então conseguiu autorização da faculdade para viajar à Europa a fim de verificar como era realizado o ensino da matemática nos países europeus.

Quando retornou ao Brasil em 1953, deixou a subdireção do Colégio de Aplicação, passou a lecionar e assumiu a Coordenação do Ensino de Matemática do mesmo, com a justificativa de querer se dedicar mais ao ensino da matemática em nível médio e ao curso de Didática da Matemática em nível superior. Martha ajudou a promover o *I Congresso Nacional de Ensino de Matemática no Curso Secundário*⁶, realizado em Salvador, que tinha por finalidade reunir professores de matemática do país, para analisar a situação existente e traçar novos rumos para a Educação Matemática.

De acordo com Dias (2000, p. 65), podemos afirmar que as mulheres matemáticas baianas não permaneciam na plateia apenas para fazer número, mas constituíam-se como verdadeiras protagonistas da história da matemática. Ainda de acordo com este autor, se referindo a História da Matemática na Bahia, esse campo de pesquisa:

[...] é um desafio pelas possibilidades de contribuições interessantes que pode trazer para uma melhor compreensão da matemática no Brasil, pois, como o próprio Leopoldo Nachbin declara, houve uma tentativa de implantação de um projeto científico-acadêmico na Universidade da Bahia (UBa), nos anos 1960, que envolveu importantes lideranças matemáticas brasileiras que, todavia, tiveram que conviver com as condições locais, com as tradições culturais baianas. DIAS (2000, p. 65).

Essa verificação pode ser surpreendente se levarmos em consideração que as condições locais, com as tradições da cultura baiana mencionada por Nachbin⁷ estavam ligadas a grande participação da mulher no Curso de Matemática da FFUBa na década de 60. Este aspecto era considerado um problema, uma vez que, os cursos de matemática em outros estados brasileiros eram composto majoritariamente por homens.

⁵ Isaías Alves de Almeida (1888 –1968) foi fundador e primeiro diretor da FF da Bahia. Um educador de projeção nacional, crítico do ensino profissional praticado nas faculdades de medicina, de direito e nas escolas de engenharia, defensor da criação das universidades e precursor da profissionalização do magistério secundário. DIAS, André Luís Mattedi. Profissionalização dos professores de matemática na Bahia: as contribuições de Isaías Alves e de Martha Dantas.

⁶ Martha Dantas, ajudou a promover o I Congresso a partir das ideias observadas em sua viagem à Europa.

⁷ Nascido em Recife em 1922, Leopoldo Nachbin foi um importante matemático brasileiro, membro fundador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF, e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA.

A participação feminina na história da matemática na Bahia não se restringiu apenas à capital, uma vez que, no interior do Estado, mais especificamente na cidade de Amargosa, houve uma forte influência da mulher no ensino da matemática. Podemos destacar que nessa cidade as mulheres formavam-se para professoras, enquanto os homens, aqueles que estudavam, ou ingressavam no Seminário, escola da Igreja Católica que visava à formação de padres, ou estudavam em cidades circunvizinha, mais frequentemente os homens de Amargosa estudavam no município de Nazaré.

As mulheres de Amargosa estudavam no Ginásio Santa Bernadete, instituição educativa feminina instalada na cidade durante o período de 1946 a 1973, que tinha como um dos principais objetivos a formação da mulher para assumir as tarefas do lar, sendo boa esposa e mãe, SILVA (2006, p. 15).

Em 1953, teve início no Ginásio Santa Bernadete o Curso Pedagógico, que correspondia ao Curso Normal, o qual habilitava as mulheres para lecionar nas séries elementares, ou seja, as mulheres eram formadas para atuar como professoras das séries primárias. Desta forma, muitas ex-alunas ao concluírem o curso atuaram como professoras nas instituições escolares da cidade e região, algumas delas retornaram a instituição de origem com o *status* de professora.

3. O Ginásio Santa Bernadete

A Escola Santa Bernadete foi criada 1946, por iniciativa de Dom Florêncio Sisínio Vieira⁸, com o apoio de fazendeiros, funcionários públicos e comerciantes da região de Amargosa. Começou a funcionar no dia 06 de março de 1946, sob direção das Irmãs Sacramentinas e era uma escola particular, que atendia a elite da cidade. As alunas dessa escola eram em sua maioria filhas de fazendeiros, comerciantes e funcionários públicos, havendo, contudo, um número pequeno de alunas, filhas de domésticas e de professoras, registradas no livro de matrícula. Isso porque fazia parte do Estatuto do Ginásio Santa Bernadete que para atender as necessidades das famílias menos favorecidas, o Estabelecimento receberia alunas gratuitas a critério da Madre Superiora. Desta forma eram dadas algumas bolsas de estudos as alunas que não tinham condições de pagar a mensalidade.

⁸ Primeiro bispo diocesano de Amargosa chegou à cidade por volta de 1942. Nessa época, de acordo com o relato da professora Sisínia Vieira, sobrinha de Dom Florêncio, o nível educacional de Amargosa era ainda muito deficiente, portanto houve um esforço muito grande do bispo para a educação dos jovens na sua diocese.

Excepcionalmente, no primeiro ano de funcionamento, 1946, de acordo com registro de matrícula, foi oferecido nessa escola o curso primário para ambos os sexos, vale salientar, que a partir do segundo ano de funcionamento, portanto de 1947 a 1973 as atividades da mesma foram dedicadas exclusivamente à educação feminina.

Regina Ribeiro⁹, ex-aluna do Santa Bernadete, lembra que:

No início do colégio, elas trabalharam com meninos até o segundo ano, depois só as meninas da cidade tinham o direito de estudar na escola das irmãs. Os outros que podiam estudar ia pra Salvador. Quando os pais podiam, tinha condições, levava pra Salvador, pra Nazaré. Geralmente os meninos daqui quando terminavam o ginásio iam pra Nazaré; porque Nazaré tinha um colégio, Montes Claros. Tanto que Waldir Pires, muita gente aqui da cidade, Dr. Cleber e outros, os filhos de fazendeiros, de pessoas que tinham o poder aquisitivo maior, estudaram em Nazaré.¹⁰

O Ginásio Santa Bernadete funcionava em regime de internato e externato, para alunas do sexo feminino. De acordo com o artigo 3º do Estatuto desse ginásio, as alunas deveriam apresentar procedimentos e condutas condizentes com as sadias normas da moral cristã. No artigo 9º desse mesmo Estatuto verificamos que as alunas eram obrigadas a cumprir as normas estabelecidas quanto ao horário das aulas, visitas, saídas, uso de uniformes, entre outros. Era exigida no momento da matrícula a apresentação da certidão de nascimento, certidão de batismo, atestado de saúde e atestado de vacina das estudantes. Tal procedimento era considerado normal pelas famílias e pelos padrões sociais da época.

4. A entrevistada

O que mais interessa na realização de uma entrevista é fazer o informante falar. Não que a entrevista seja um diálogo ou uma conversa despretensiosa, mas sim é um mecanismo de aquisição de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto.

Antes da realização das entrevistas foi realizado um aprofundamento teórico sobre História oral e Memória. Quanto à postura do entrevistador, Thompson ressalta que esse deve ter interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a elas, bem como capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião delas; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Nossa postura como entrevistador foi adotada com base nas recomendações de Thompson (2002):

Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias. Essa não é a ocasião para você demonstrar seus conhecimentos [...] Ficar em silêncio pode ser um modo precioso de permitir que um informante pense um

⁹ Nascida em Amargosa, Regina Ribeiro, estudou na Escola Santa Bernadete no período de 1946 a 1955.

¹⁰ Regina Ribeiro. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, Agosto de 2010, p 8.

pouco mais e de obter um comentário adicional. [...] Claro que você pode enxergar nesse sentido, e fazer com que o informante fique gaguejando por falta de um retorno seu. Ficar remoendo uma pausa em silêncio, depois de esgotado um assunto, é desanimador e antes que isso aconteça deve ser feita uma pergunta firme. [...] Mantenha o informante relaxado e confiante. Acima de tudo, nunca interrompa uma narrativa [...] Você precisa ter perfeita clareza sobre até onde chegou a entrevista e, sobretudo, evitar de perguntar sobre uma informação que já tenha sido dada. THOMPSON (2002, p. 271)

Portanto, durante as entrevistas adotamos uma postura de quase silêncio, só intervindo quando acreditávamos que a mesma poderia terminar com poucas informações. Optamos por ouvir o que o depoente tinha para falar evitando expor os conhecimentos que tínhamos sobre determinados temas, o que poderia influenciar nas respostas que tivesse consonância com o que gostaríamos de ouvir. Foram programadas duas entrevistas.

Na primeira, às entrevistadas deveriam falar o mais livremente sobre a história de suas vidas, afim de que nós pudéssemos entender a maneira de cada uma narrar sua própria vida. Na segunda entrevista, retomamos a aspectos que não ficaram esclarecidos com a primeira, neste momento usamos perguntas direcionadas.

5. Resultados da Pesquisa¹¹

Na construção de uma narrativa sobre as experiências de vida e sobre um processo histórico, pode-se observar a tendência em estabelecer uma ordem/seleção dos fatos e dos acontecimentos que se deseja tornar públicos. Os diferentes elementos e olhares sobre uma situação ocorrem dentro da organização da memória individual ou coletiva do indivíduo. Assim, Pollack (1992, p.4) afirma que a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. Os dados da memória são cuidadosamente encadeados e explicitados segundo a vontade e opção de quem os contam.

Tal encadeamento não é realizado ao acaso, mas é feito a partir de uma seleção dos acontecimentos que os sujeitos consideram significativos, geralmente são narradas às situações onde quem as narram aparecem como centro das atenções.

Portanto, para construção da narrativa sobre as práticas de ensino de matemática desenvolvida no Ginásio Santa Bernadete no período de 1946 a 1973, escolhemos duas ex-alunas dessa instituição e as deixamos livres para que pudessem expressar suas histórias de vida a partir de um estilo subjetivo de organizar, interpretar e relatar os acontecimentos

¹¹ Os trechos que serão utilizados neste tópico foram retirados das entrevistas realizadas com as duas ex-alunas e ex-professoras do Ginásio Santa Bernadete, as quais foram realizadas por Diogo Franco Rios, Ebson Alves de Brito e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, no ano de 2010. Estas entrevistas estão transcritas na íntegra no trabalho monográfico *Ensino de Matemática em Amargosa: Lembranças das ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete (1946-1973)*.

Cabe ressaltar, que os nomes Regina Ribeiro e Joana Castro, são nomes fictícios, criados pelos autores deste artigo, visando preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

individuais e coletivos apontando às circunstâncias em que as mesmas aprenderam e posteriormente ensinaram matemática.

5.1 Quem eram as mulheres que estudavam no Ginásio Santa Bernadete?

No livro de matrícula, foi encontrado o número de alunas matriculadas no período de 1946 a 1973 e dados sobre o perfil econômico de suas famílias. Como já foi evidenciado, as alunas do Santa Bernadete eram em sua maioria filhas de fazendeiros, comerciantes e funcionários públicos, havendo, contudo, um número pequeno de alunas filhas de domésticas e de professoras. Essas alunas eram procedentes das cidades de Amargosa, São Miguel das Matas, Laje, Mutuípe, Milagres, Ubaíra, Brejões, Santa Inês, Santo Antonio de Jesus, Ibirataia, Itagi, Jequié, Itiruçu, Itaberaba, Rui Barbosa, Vitória da Conquista, dentre outros.

5.2 Como aprenderam matemática

Citando as questões pedagógicas, nossas discussões agora serão direcionadas para as questões relacionadas à rotina das salas de aula. Os discursos relacionados às aulas apontam para certa rigidez que fazia parte do cotidiano escolar, principalmente na disciplina de matemática. Os processos educacionais são lembrados mencionando os métodos rígidos que eram aplicados no momento das aulas.

As aulas eram sempre expositivas, nós tivemos como professoras de matemática, a irmã Modesta, a irmã Aparecida, e a irmã Rosina, que eram fogo na roupa. Quando as meninas não gostavam era assim —Carne do sol na brasa também chora, garrafa de champanhe, chamava as meninas que não entendiam as coisas e algumas choravam, eu não tinha muito problema com ela, porque como a gente gostava da matemática[...] ¹²

As aulas eram só aulas expositivas. Com Regina no Pedagógico foi que as aulas foram mais concretizadas, algumas coisas eram como se a gente descobrisse o Brasil. Eu me lembro do dia que a gente teve uma aula de concretização de fração, imagine: a vida inteira dando fração mecânico, decorando as regras e tal, mas a noção de fração, o que é fração, o que significa? Então a gente foi concretizar mesmo a matemática com Regina. Até mesmo no primário eu não me lembro desse trabalho de concretizar a matemática, isso a gente aprendeu no curso Pedagógico. A gente ia no quadro fazer as atividades. Com a irmã São Paulo, o que era de aula prática pra gente, era direto, ela dava todas essas dinâmicas modernas, de trabalho em grupo de projeto de problema, e era cobrança mesmo. O Curso Pedagógico foi muito bom, muita prática em sala de aula [...] Tem horas que eu digo assim, quando um professor não marca de alguma forma a gente nem lembra. Tinha uma professora, não vou falar o nome para respeitar a memória, bagunçada, bagunçada, porque ela não dominava a classe era uma balburdia uma coisa assim. A matemática no ginásio era uma

¹² RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, agosto de 2010, p. 9-10.

coisa que não me agradava, era muito desanimada muito sem motivação. Era ruim a matemática até. Dava para o gasto não tirava notas ruins, mas porque eu conseguia entender e estudava e conseguia, mas não era uma coisa agradável. Eu tive umas duas professoras de matemática no ginásio, e o resto foi Regina no Pedagógico.¹³

É interessante notar que nos relatos sobre as aulas de matemática aparecem palavras como, — fogo na roupa, — cobranças, dentre outras para denotar o modelo educacional marcado pelo rigor, pela ordem e pela disciplina, exigido pelos professores da época. As lembranças com relação a esses momentos apresentam sempre as aulas de matemática como aulas expositivas, onde havia a cobrança do decorar regras, da repetição excessiva de processos e da realização de grande quantidade de exercícios.

[...] dava muita tarefa, corrigia no quadro, os professores sempre corrigiam no quadro todas os exercícios, eu adquirir esse hábito também, assim quando eu fui professora, não deixava um exercício dos meninos sem corrigir. Quase vinte minutos da aula era pra corrigir. Normalmente nós não tínhamos livros de matemática, no início, do colégio, era mais uns exercícios de cálculos e problemas que nós fazíamos¹⁴. (Grifos nossos)

Observamos também nesses relatos a identificação dos professores que marcaram a trajetória escolar dessas mulheres de alguma forma, como vemos na fala de Joana: — *Tem horas que eu digo assim, quando um professor não marca de alguma forma, a gente nem lembra.* Ou seja, Joana admite a seletividade de sua própria memória, o que também aponta para afirmação de escolhas do que contar, isto é, aquilo que não deixou marcas não aparece na memória.

Essa fala da entrevistada reforça a afirmação de Pollack (1992, p.4), que diz — nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. Há nos registro da memória, aparecendo nos depoimentos, especialmente os aspectos positivos de suas vidas, e que, portanto, as colocaram em situações que lhe ocupam um lugar de valorização. Algumas características da atuação docente das professoras dessas ex-alunas merecem destaque por se constituir em práticas que foram incorporadas pelas mesmas em seu exercício pedagógico.

[...] os professores sempre corrigiam no quadro todos os exercícios, esse hábito a gente adquiriu também, quando eu fui professora eu não deixava um exercício dos meninos sem corrigir, sem passar no quadro, quase vinte minutos da aula era pra corrigir.¹⁵

¹³ CASTRO, Joana. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora do Santa Bernadete. Entrevistadores: Ebson Alves Lima de Brito e Silmary Silva dos Santos. Amargosa-BA, outubro de 2010, p. 3-4.

¹⁴ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, agosto de 2010, p. 10.

¹⁵ Idem

Embora não apareça uma memória marcante sobre a influência destas professoras na constituição da identidade docente destas ex-alunas, esse trecho da fala de Regina Ribeiro nos leva a afirmar que as professoras de alguma forma influenciaram na composição do perfil docente que as alunas assumiram após concluir o curso pedagógico. Elas se apropriaram de alguns métodos utilizados por suas ex-professoras ao assumir as atividades pedagógicas.

Outro aspecto é o destaque dado por Joana para a mudança de metodologia no ensino da matemática, ocorrida quando Regina Ribeiro passa a ensinar essa disciplina¹⁶, pois segundo ela com Regina no Pedagógico foi que as aulas foram mais concretizadas. Esse trecho é de fundamental importância, pois suscita mais uma vez os questionamentos: Como essas mulheres aprenderam matemática? E como esse ensino refletiu em suas práticas docentes? Esse questionamento se faz pertinente neste momento, por Regina ter estudado no Santa Bernadete e ter aprendido com os métodos rigorosos, tradicionais e com as aulas expositivas das professoras desta instituição, como ela destacou em seu próprio relato.

Apesar de Regina afirmar que absorveu alguns exemplos de suas ex-professoras, o relato de Joana nos leva a identificar que esta adotou comportamentos adversos ao de suas professoras quando assumiu as atividades docentes. Onde Regina aprendeu esses novos métodos de ensinar?

Retratando ainda as aulas de matemática, apesar de explicitar que essas aulas não as agradavam muito, essas ex-alunas, apresentam-se como boas alunas, ressaltando que elas não tinham dificuldades em matemática e se destacavam dentre as colegas por sua afinidade e facilidade com esta disciplina. Desta maneira, havia sempre a formação de grupos de estudos, onde eram feitos momentos de aprofundamento dos conteúdos abordados em sala de aula, onde elas sempre ficavam encarregadas de tirar as dúvidas que as colegas possuíam com relação à matemática.

5.3 Como esse ensino refletiu em suas práticas docentes

Tornar-se professora foi uma decisão que foi se delineando desde a infância na vida dessas mulheres, a partir das brincadeiras de escola, onde elas assumiam o papel de professora e os irmãos o papel de alunos. Porém, além do desejo aflorado desde criança, o estudo em grupo foi um fator determinante e decisivo para o despertar da docência na vida dessas mulheres. Podemos dizer que o desejo de se tornar professora foi fortemente

¹⁶ Joana estudou no Santa Bernadete no período de 1960 à 1966 e quando passou para o Curso Pedagógico, que foi a partir de 1964 a mesma foi aluna de Regina Ribeiro.

influenciado por três aspectos comuns a essas duas mulheres: o desejo de criança; o estudo em grupos; e a influência do pai e dos bons professores de matemática que elas tiveram.

Tratando agora sobre a atuação dessas duas mulheres como professora, nas escolas da cidade de Amargosa, identificamos que isso aconteceu logo após a conclusão do Curso Pedagógico, devido ao destaque que as mesmas possuíam nas aulas de matemática. Isso lhes rendeu convites para atuar no cenário educacional da cidade de Amargosa e região.

Me formei em 66. As irmãs me chamaram para pegar uma turma de 5ª série no ginásio com matemática. Aí eu fui, antes de começar no estado, eu já tinha começado ensinar matemática no próprio colégio das irmãs. Mas naquele tempo era assim, as irmãs me convidaram pra dá aula numa 5ª série, para eu me preparar. Em 67 eu comecei no Santa Bernadete, 69 fiz concurso, passei, fui ensinar no primário, nesse mesmo tempo eu fui convidada para o Pedro Calmon para ensinar matemática, também em 69.¹⁷

Assim, para ensinar a gente preparava aqueles cartazes, aqueles trabalhos, álbum seriado e caixa disso, caixa daquilo, hoje vocês tem isso tudo pronto, bonito, material dourado, tanta coisa bonita. A gente não tinha nada, desenhava em cartolina, recortava com sacrifício, e às vezes ainda tinha isso, quem era bom aluno quem entendia fazia até um material bonitinho, dividia ao meio, aquelas que não eram boas alunas, pegavam [...]¹⁸

Essas representações, por sua vez, mostram diretamente a constituição identitária dessas mulheres como professoras, elas relatam o compromisso que tinham com seus alunos e com a profissão do magistério. Novamente em seus relatos e em suas histórias vão aparecer os traços de suas ex-professoras na constituição de suas características como docentes. Inicialmente, suas aulas formam fortemente influenciadas pelas posturas que suas ex-professoras assumiam ao dá aula. Os gestos, as atitudes e até mesmo as metodologias utilizadas por Joana e Regina em sala de aula foram um reflexo daquilo que elas tiveram no período em que elas eram alunas.

No começo a gente dava aulas expositivas, porque a gente aprendeu com aulas expositivas [...]. Expunha o assunto, fazia os exercícios todos no quadro, passava a tarefa os meninos faziam em casa. No dia seguinte, logo depois da chamada, corrigia os exercícios dos alunos. [...] Eu já peguei um pouco de trabalho em equipes, então organizava em equipes, pelo benefício que eu sentir trabalhando com minhas colegas, então eu já botava os meninos para trabalharem em equipes, em fazer os grupinhos botava um trabalho, uns exercícios, provas a gente fazia dos livros.¹⁹

¹⁷ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, agosto de 2010, p. 11.

¹⁸ CASTRO, Joana. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora do Santa Bernadete. Entrevistadores: Ebson Alves Lima de Brito e Silmary Silva dos Santos. Amargosa-BA, outubro de 2010, p. 2-3.

¹⁹ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, setembro de 2010. 5.

Justamente no trabalho de sala de aula observamos além de uma prática docente próxima das que elas vivenciaram no período em que foram alunas uma afinidade maior nos conteúdos em que eram mais cobrados no período da escola. Os conteúdos que mais gostavam de ensinar era os relacionados à Geometria, que foi um dos conteúdos que elas mais estudaram no tempo da escola.

Eu gostava de ensinar tudo. Eu gostava muito de Geometria, porque Geometria, estudei muito, então eu pesquisava sobre Geometria, até as provas para elaborar. Fazer uma parábola, eu gostava de fazer uma ancora e colocava na parede, mandava os meninos calcularem o tipo daquela parábola. Eu gostava muito de geometria, e gostava muito de álgebra também, essa parte da parte da Matemática Analítica eu gostava muito.²⁰

Eu gosto muito da parte de Geometria, eu não gosto muito da Aritmética, acho os problemas da Aritmética um pouco mais elaborados. Já os problemas de Álgebra eu acho mais fácil. Eu gostava mais de Geometria e Álgebra.²¹

Ao se tornarem professoras, essas mulheres tiveram que participar de curso de aperfeiçoamento docente, partindo para contextualização dos aspectos históricos referentes a esta profissionalização e preparação das professoras de matemática em Amargosa. Estes cursos mudaram o jeito e a postura dessas mulheres como professora. Segundo elas, estes contribuíram muito com a composição de uma nova forma de ensinar Matemática, o que justifica a mudança de metodologia que Regina Ribeiro teve quando assumiu as atividades docentes, mudança mencionada anteriormente por Joana Castro e reforçada agora nos relatos abaixo.

[...] Mudou muito, toda dinâmica que a gente aprendeu, todo trabalho de grupo, todo exercício, as pesquisas que a gente começava a fazer, despertar o interesse em conhecer os matemáticos. Teorema de Tales: quem foi Tales? Um grande matemático. Outros como Pitágoras. A gente veio da CADES com uma outra visão. De conhecer melhor, de ter mais profundidade em determinados assuntos, aí fizemos trabalhos de pesquisas com os meninos, para conhecer os grandes matemáticos. Eu aprendi isso na CADES. Porque como aluna eu nunca fiz, mas depois fui me interessando sobre trabalho em grupo, dinâmica, várias dinâmicas de grupo que a gente foi aprendendo na CADES, fazer painel integrado, fazer estudos de seminários, isso tudo a gente já fazia, já dava tempo fazer com meus alunos e as meninas do Santa Bernadete também.²²

²⁰ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, setembro de 2010, p. 6.

²¹ CASTRO, Joana. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora do Santa Bernadete. Entrevistadores: Ebson Alves Lima de Brito e Silmary Silva dos Santos. Amargosa-BA, outubro de 2010, p.7.

²² RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, setembro de 2010, p. 5.

A mudança foi geral, a pedagogia toda foi modificada. Não foi só a questão da mudança de conteúdo da matemática não, foi à apresentação do conteúdo, que ficava bem diferente. Aprendi com Martha, com Peixoto e com Amaral, todos eles já tinham outra metodologia. Os livros também já estavam saindo diferente, o livro de Oswaldo Sangiorgi era muito rico, ele passava muita observação no trabalho, tinha sempre uma folha de atividades no final do livro²³.

Como lembranças dos professores do curso da CADES²⁴, Regina Ribeiro, recorda que foi aluna de Martha Dantas, mulher, matemática e baiana, que tinha uma grande preocupação com o ensino secundário e com a formação dos futuros professores de matemática. Sendo assim, os cursos de Didática que a mesma ministrava colaboraram com a formação desses professores de matemática.

Martha era uma pessoa muito simpática, alegre, alta, magra. Agora responsável e tava toda entusiasmada com a nova maneira de ensinar matemática. Eu tenho a impressão que foi Martha quem iniciou a Matemática Moderna na Bahia. Ela trabalhava na escola politécnica, ai passou algumas coisas pra gente. Ela era muito simpática, muito agradável, dava aula enchia o quadro de materiais. Trajava muito bem, era modelo pra gente. Porque isso contou um pouco. Na CADES eles observavam a maneira de trajar. Eu tinha um professor, Amaral que ele dizia: — a gente conhece o professor de matemática pelo jeito de andar, todo mundo é sério, todo mundo é fechado.²⁵

Porque nas lembranças de Regina Ribeiro a aparência de Martha Dantas é destacada? Observamos que em todo processo de descrição de Martha ela enfatiza a elegância e a maneira de se posicionar dessa professora. O que mostra e em seu próprio relato explica que a maneira de se vestir e de se relacionar que os professores tinham era muito importante na construção da imagem do bom professor de Matemática, sendo que os bons exemplos deveriam ser seguidos.

Além da elegância de Martha Dantas que foi destacada por Regina em sua memória, identificamos uma nova maneira de ensinar matemática transmitida por esta professora nos Cursos de Aperfeiçoamentos, essa nova maneira de ensinar refere-se a um período histórico do ensino de matemática mais conhecido como Movimento da Matemática Moderna (MMM). Destacamos que os aspectos sobre a matemática Moderna serão abordados em outro artigo.

Fazendo uma síntese dos aspectos referentes à atuação de Regina Ribeiro e Joana Castro na educação de Amargosa e como professoras de Matemática, observamos a construção de uma narrativa marcada por aspectos de luta por momentos de conquistas,

²³ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, setembro de 2010, p. 5.

²⁴ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), desenvolvida no Brasil no período de 1953 a 1971.

²⁵ Ibid, p. 6.

superação e com uma forte presença religiosa ligada as questões profissionais e que rodeiam toda a trajetória de vida dessas mulheres. Notemos nos próximos relatos, as marcas religiosas e a imagem de Deus presente em todo momento de suas lembranças.

Eu sou uma pessoa que me sinto realizada pelo trabalho que fiz na minha cidade, na minha família, e sinto feliz por tudo que eu trabalhei, por tudo que lutei, principalmente, pela educação. E hoje eu fico mais feliz em vê que a faculdade ta aí, porque foi uma luta da gente, desde o tempo de estudante que se falava que se desejava ir para Salvador estudar. Depois quando veio a proposta da primeira faculdade para aqui, o primeiro desejo, de inserir a escola de formação de professores de nível superior, veio à revolução e não foi sediada. Depois tivemos na cidade um período de muitas falhas, falta de interesse, falta de administração, e depois nós fomos retomando essas coisas. Quando nós nos formamos a alegria que a gente teve de iniciar o Pedro Calmon de trabalhar em nossa cidade de voltar a trabalhar na escola que eu estudei. Foi um choque, quando eu cheguei na sala de aula e encontrei uma colega minha, aquela que eu falei que a gente ia dormir na casa dela, ela tinha adoecido interrompeu o curso durante dois anos depois voltou para estudar. Eu chego e encontro com essa colega na sala de aula. Pra mim foi um choque, encontrar como aluna aquela que foi minha colega, depois encontrei uma freira também, isso me motivou e botou pra frente, que eu tinha que preparar bem minhas aulas. Sou muito feliz aqui, com todo trabalho que realizei. Não pude fazer mais, porque eu também já estava no tempo de parar, quarenta e dois anos de serviço.²⁶

O que eu acho o que me dá mais tranquilidade é assim, saber que eu fui responsável, não sei se foi competente, mas responsável eu fui. Jamais, eu me lembro tanto eu como alguém do meu grupo, ter ido para escola sem está com a aula preparada, então era uma grande preocupação. Às vezes eu converso com Bella, era outra aluna do Santa Bernadete e digo: — Meu Deus do céu, amanhã tenho que dá aula, mas eu digo oh! Meu Deus é sonho. A gente tinha muita preocupação em está com o programa em dias, a gente não tinha consciência de dizer que era zelar pelo nome, mas no fundo eu acho que a gente tinha essa preocupação, porque também exigiram demais, a gente entrou com essa exigência e nisso a gente ficou. Pra mim essa é a maior marca, saber que eu não filei.²⁷

Hoje aposentadas, essas duas ex-alunas e ex-professoras do Santa Bernadete criam por meio de suas lembranças uma imagem de realização, felicidade e um sentimento de missão cumprida. Criam ainda por meio de suas memórias uma imagem de valorização da vida profissional que tiveram, do trabalho que desempenharam e das ações que realizaram no município de Amargosa. O modelo religioso, disciplinar e moral ao qual foram submetidas quando estudaram no Ginásio Santa Bernadete, foi incorporado em seus discursos e está presente em todos os momentos de suas falas, onde podemos observar a preocupação com o agradar a Deus. Vários outros aspectos da vida de Regina Ribeiro e

²⁶ RIBEIRO, Regina. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora da Escola Santa Bernadete. Entrevistadores: Diogo Franco Rios e Silmary Silva dos Santos. Amargosa – BA, setembro de 2010, p. 7.

²⁷ CASTRO, Joana. Entrevista com a ex-aluna e ex-professora do Santa Bernadete. Entrevistadores: Ebson Alves Lima de Brito e Silmary Silva dos Santos. Amargosa-BA, outubro de 2010, p. 9-10.

Joana Castro poderiam ser abordados nesta pesquisa, contudo, estes serão deixados para uma próxima pesquisa.

6. Considerações Finais

Com a realização desta pesquisa, buscamos estabelecer uma narrativa sobre as práticas educativas do ensino de Matemática desenvolvida no Ginásio Santa Bernadete no período compreendido de 1946 a 1973. Propusemo-nos a tornar possível falar sobre a história do ensino de Matemática em Amargosa, contribuindo com a construção da história da matemática na Bahia.

Cabe ressaltar que esta investigação não se limitou a analisar apenas as questões referentes à matemática, mas permitiu um olhar, mesmo que sutil, sobre a educação desenvolvida em Amargosa no período anteriormente mencionado. Para construção dessa narrativa, realizamos estudos a respeito das relações entre história e memória, analisamos documentos escolares que foram preservados por ex-alunas, bem como documentos institucionais, e traçamos as trajetórias de vidas de duas ex-alunas que posteriormente se tornaram professoras de matemática do Santa Bernadete.

O estudo sobre as relações entre memória e história subsidiaram o levantamento teórico-metodológico para a construção da memória coletiva e individual sobre as práticas de ensino de matemática no Santa Bernadete. Já a investigação documental nos auxiliou no esclarecimento dos silêncios e vazios presentes nos testemunhos orais nos fornecendo os elementos necessários à composição da história que estava sendo construída.

Ao traçar a trajetória de duas ex-alunas dessa instituição, tínhamos por finalidade responder aos questionamentos da pesquisa. Pelas análises desse estudo, verificamos que além do silêncio presente nas lembranças das ex-alunas e ex-professoras do Santa Bernadete, suas narrativas foram construídas a partir de uma organização e seletividade dos fatos presentes em suas memórias. As questões relacionadas com a seleção/organização revelam o envolvimento ou a posição que essas mulheres ocuparam na situação revelada.

Uma vez que recordados os fatos, ambas explicitaram os aspectos considerados relevantes e positivos de suas vidas, construindo uma imagem de valorização de suas ações e uma imagem do bom professor de Matemática, com postura e com boas relações desde sempre com esta disciplina. Nesse caso, é interessante notar que a postura relatada por estas ex-professoras pode ser observada até mesmo durante a entrevista, pois mesmo estando em suas próprias casas elas estavam bem arrumadas, bem penteadas, enfim,

estavam elegantemente bem apresentáveis, o que denota o valor que elas dão à postura e à elegância que uma professora deve possuir.

O envolvimento que essas mulheres tiveram, nos mais diversos espaços sociais e educacionais de Amargosa, comprovam a importância das mesmas para educação deste município, uma vez que elas assumiram cargos de direção, supervisão e coordenação pedagógica, o que as permitiu lançar propostas educativas e interferir no cenário educacional do município.

7. Referências

DIAS, A. L. M. História da Matemática na Bahia: Uma —Curiosidade? *Sitientubus*, Feira de Santana n° 23, p. 59-88, jul/dez 2000.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, S. S. *Ensino de Matemática em Amargosa: Lembranças das ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete (1946-1973)* 68 f; il. Monografia (Licenciatura em Matemática). Amargosa 2010.

SILVA, M. C. L; CAMARGO, Kátia Cristina. *MARTHA DANTAS: o ensino da geometria na Bahia*. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 25, p. 701-714, set./dez. 2008.

SILVA, M. J. *Educação da Rainha do Lar: Um estudo sobre a formação das mulheres no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa – 1946/1973*. Monografia (Especialização em História Regional). Santo Antonio de Jesus, 2006.

THOMPSON, Paul. História e contemporaneidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. Número 5, junho de 2002.